

Resumo - Problema 4

Em capítulos selecionados de seu livro *Formação Econômica do Brasil*, Celso Furtado apresenta a lógica das transformações que a nação brasileira enfrentou durante o século XIX. Inicialmente são apresentadas a forma da relação Brasil-Inglaterra, seguida de um comparativo com o desenvolvimento dos EUA durante o mesmo período e de uma explicação do porquê o Brasil – além de não se desenvolver como as colônias norte americanas – viu uma redução no seu desenvolvimento e na sua renda *per capita*.

O histórico das relações brasileiras diretas com a Inglaterra se iniciam formalmente com a vinda da Família Real em 1808 e com a abertura dos postos às nações amigas. Após isso, foram assinados tratados com a Inglaterra em 1810 que lhes davam privilégios em território brasileiro, como reduções de impostos e extraterritorialidade. Entretanto, estas relações ainda são parcialmente lusitanas. Apenas em 1822 o Brasil torna-se país independente e, apesar disto, assina outro tratado em 1827 que solidificava a posição da Inglaterra no Brasil.

Segundo o autor, estes privilégios, antes e depois de nossa independência, não seriam um movimento natural da independência, sem grandes perdas para a nação. Seriam, pois, uma verdadeira transferência de passivo, que causou significativo dano ao governo brasileiro. É até por isto que é posto que os clamados pela independência não ocorrem por diferenças ideológicas ou um irreversível conflito de interesses, mas sim por uma contradição entre a abertura comercial brasileira aos produtos ingleses com o “*systema liberal*”, enquanto os ingleses preteriam os produtos das Antilhas aos brasileiros. Apesar disso, segundo Furtado, não seria possível caracterizar isto como causa central de nosso atraso.

Os acordos impediam uma autonomia brasileira tanto fiscal quanto econômica, mantendo o país como extensão da economia europeia e, com o declínio do ouro, açúcar e algodão, o Brasil não possuía economia independente para se manter, levando a quedas na renda. Ainda tínhamos a falta de um aparato fiscal eficiente, que levava a maior parte da arrecadação do governo a ser recolhida em forma aduaneira. Com a queda das exportações e com a impossibilidade de aumentar impostos devido aos tratados com a Inglaterra, o governo não conseguia pagar nem metade dos gastos que tinha, em especial durante o período da guerra da Banda Oriental.

Portanto, restava uma forma de se financiar: emissão de papel moeda. Tínhamos, ainda, que os produtos importados se tornaram excessivamente baratos devido à abertura comercial, criando uma forte pressão sobre a balança de pagamentos. Em conjunto, esses dois eventos levaram a uma inflação que concentrava seus efeitos na população urbana de pequenos mercadores, militares e funcionários públicos. Este efeito se concentrava principalmente no câmbio e levou a uma significativa desvalorização da moeda, afetando ainda mais o comércio local.

O autor em seguida apresenta um comparativo do porquê não nos industrializamos como os EUA. Ele pontua que, nos EUA, a metrópole se dispôs a fomentar indústrias que não competissem com ela nas regiões nortenas. Com um destaque

para o ferro, visando que a Inglaterra não dependesse mais tanto dos países nórdicos. Houveram também esforços protecionistas para proteger a indústria nascente como impostos, ainda que mais baixos do que usualmente pensado, e uma preocupação em não exportar matérias primas – como o couro –, para que fossem beneficiados na própria colônia.

Inclusive, o foco das plantações dos EUA em algodão, segundo Furtado, é ponto importante para a industrialização, visto que a primeira fase da Revolução Industrial foi focada, essencialmente, na produção em massa de tecidos. Em conjunto com o bloqueio de produtos importados durante a guerra de independência, levou à criação de uma indústria local e uma significativa população urbana que permitiu o desenvolvimento.

Além disso, é pontuado que as classes dominantes nas colônias eram essencialmente diferentes. Enquanto o Brasil possuía uma classe dominante agrícola, os EUA possuíam uma grande classe comercial com alguns grandes agricultores. Isto levou a um pensamento diferente quanto à necessidade de industrialização. Apesar de tanto Hamilton quanto Visconde de Cairu serem seguidores de Adam Smith, o primeiro concluiu que havia a necessidade de industrializar rapidamente os EUA, inclusive com intervencionismo, enquanto o segundo perseverou no *Laissez Faire* em sua forma máxima.

O autor pontua que, mesmo que houvesse essa preocupação industrialista no Brasil, esta não conseguiria ser colocada efetivamente devido à elite agrária. Segundo o autor, após a sua independência, o Brasil ainda não possuía uma consolidada classe mercantil, visto que a maior parte do comércio era feita, até então, pela metrópole.

Então, o autor busca explicar as causas da queda de renda do Brasil durante o século XIX. Segundo ele, com a queda dos preços do açúcar e decaimento do ouro, houve um declínio significativo nas exportações com os preços relativos, mostrando que era necessário empregar o dobro de trabalho para a obtenção da mesma renda. Tal mudança drástica requer alterações estruturais para se manter viável. Entretanto, não houve nenhuma alteração deste tipo na época. O autor pontua que um sinal disso é o aumento da economia agrária de subsistência, de menor produtividade que as atividades exportadoras, mostrando o decaimento da renda dos habitantes brasileiros.

Neste mesmo período, e parcialmente devido a esta queda, houveram as revoltas no Norte e a Guerra Civil no Sul, prejudicando ainda mais os cofres da administração pública, que ainda não podia coletar mais impostos devido a tratados com a Inglaterra. Era ainda mais prejudicado seu controle local e dificultados possíveis projetos de industrialização.

Neste cenário, surge o café como nova fonte de riqueza para substituir as decedentes. Entretanto, este não é produto base de processos industriais, levando a maior atraso. Isto, combinado a esforços da Inglaterra de não permitir a exportações de máquinas, preveniam ainda mais a formação de uma economia industrial e o desenvolvimento do Brasil.